

APRESENTAÇÃO

Ao crítico as batatas é o título do vol. 21, nº 1, da revista *Em Tese*. Neste número propomos reflexões acerca da trajetória de um dos mais fecundos pensadores da cultura brasileira: Roberto Schwarz. O autor de *Um mestre na periferia do capitalismo* incorporou e superou o jeito de se fazer crítica no Brasil, visto que seus ensaios não priorizam o tom jornalístico nem aderem às abordagens tecnicistas universitárias. Sempre preocupado em relacionar concepção teórica com a prática, sua ensaística aprimora e modifica a maneira de interpretar a literatura brasileira.

Assimilando uma tradição de pensamento crítico que vai de Friedrich Hegel e Karl Marx, passando por György Lukács, Erich Auerbach, Walter Benjamin, até Antonio Candido,

Roberto Schwarz evita qualquer análise previamente definida, o que poderia elipsar as contradições particulares do objeto em análise. Ao mesmo tempo, para o dialético, não é possível interpretar a arte brasileira sem entender o sentimento íntimo do país, estruturado de diversas maneiras. Os sistemas de relações sociais não são idênticos em todos os países, e, quando dizemos que não existe essa diferença, estamos cortando um registro de um elemento primordial da sociedade moderna: sua diversidade. A vivência nas diferentes relações nos diferentes países também produz diferentes formas artísticas. A sociedade moderna é interligada, mas diferente.

A relação entre literatura e sociedade brasileira nos ensaios de Roberto Schwarz não se limita à análise sociológica, mas



procura pensar cada obra como específica no seu sentido de mediação entre a experiência histórica singular e a criação artística. Em seus estudos é possível perceber um empenho em apreender e iluminar as diversas configurações expressivas de problemas concretos e não propor um conjunto de respostas definitivas. O autor do ensaio “Cultura e política, 1964-1969”, ligado à “tradição contraditória” que ajudou a expandir, sem deixar de criticar, sempre buscou enfrentar questões próprias de nossa época: saber onde estamos e “que horas são”.

A partir dessa trajetória propomos construir um Dossiê com artigos que se relacionem com as reflexões schwarzianas acerca da cultura e da literatura brasileira.

Nessa pegada, formamos a seção **Dossiê** com os seguintes artigos: “Roberto Schwarz: um crítico dialético na periferia do capitalismo”, de Maria Elisa Cevalco. “Paralelismos à parte: termos de comparação entre Roberto Schwarz e Ismail Xavier”, de Rogério Cordeiro. “O lugar das ideias: panorama de um debate”, de Júlio Cezar Bastoni da Silva. “O jovem Schwarz *versus* o Schwarz maduro: complementações da crítica sociológica”, de Bárbara Del Rio Araújo. “É possível saber que horas são no ‘entre-lugar’”, de Alex Alves Fogal. “Forma objetiva em Roberto Schwarz”, de Vitor Soster e “Recepção internacional de Machado de Assis: um debate em torno da disjuntiva *local vs. universal*”, de Maria Isabel Bordini.

Já as seções **Teoria da Literatura e Ensino de Literatura** (antes Ensino e Teoria) e **Tradução e Edição**, excepcionalmente neste número, não contam com nenhum texto.

A seção **Crítica Literária, outras Artes e Mídias** traz “A Fortuna Crítica de Thomas Mann no Brasil: Carpeaux e Rosenfeld”, de Gustavo Ramos de Souza; “O processo compositivo de ‘O Relógio’, sua expressão plástica e a desconfiguração do tempo da narrativa como legado literário de Iberê Camargo”, de Edgard Tessuto Júnior; “Resgates da memória e da história: *Austerlitz*, de W. G. Sebald”, de Juliana Prestes de Oliveira, Amanda Laís Jacobsen de Oliveira e Anselmo Peres Alós; “Bodies that Desire: The Melodramatic Construction of

the Female Protagonists of *The Glass Menagerie* and *A Streetcar Named Desire*, by Tennessee Williams”, de Xênia Amaral Matos.

Contribuíram com a seção **Em Tese**, Diogo Cesar Nunes, com o trabalho “Notas sobre a ausência: Moacyr Félix na historiografia literária recente”, Fernanda Marques Granato e Vera Bastazin, com o artigo “Edward Lear e Renato Pompeu: possível diálogo para um *nonsense* reinventado” e, ainda, Roy David Frankel, com o trabalho “O caminho é sempre seu: uma leitura de Sidarta, de Hermann Hesse”.

Em **Entrevistas** temos sete repostas de Roberto Schwarz sobre sua formação, literatura, política, estética, entre outras questões.





Em **Resenhas**, encontraremos os textos de Rafael Fava Belúzio, Vicentônio Silva e Vanderlei Kroin. O primeiro trata do livro que reúne os textos poéticos e as prosas de Ana Cristina César, chamado *Poética*, publicado pela Companhia das Letras. O segundo nos conta do livro *O Romance Histórico Brasileiro Contemporâneo*, que investiga as relações entre a literatura e a história. E, por fim, uma resenha teatral discorre sobre a encenação de Denise Stoklos do texto *Carta ao Pai* de Franz Kafka.

Na seção **Poéticas**, contamos com a reprodução de algumas fotografias do artista canadense Robert Polidori. Em consonância a proposta do dossiê, citamos quatro poemas

de Roberto Schwarz, contidos no livro “26 poetas hoje”, antologia organizada por Heloísa Buarque de Hollanda e reimpresso pela Aeroplano Editora.

Boa leitura!

Felipe Oliveira de Paula

João Alves Rocha Neto

Josué Borges de Araújo Godinho

Rafael Otavio Fares